

## EXÍLIO E MEMÓRIA

Luíza Santana Chaves (FALE/UFMG)

Resumo: O objetivo deste texto é analisar os conceitos de memória e exílio na cena teatral “Dos exilios” de José Sanchis Sinisterra e no conto “El regreso” de Francisco Ayala, ambos escritores espanhóis.

Palavras-chave: Memória, Exílio, Guerra Civil Espanhola

Abstract: This paper aims at analyzing the concepts of memory and exile in the theatrical scene “Dos exilios” by José Sanchis Sinisterra and in the short story “El regreso” by Francisco Ayala, both Spanish writers.

Keywords: Memory, Exile, Spanish Civil War

### 1. Introdução

Segundo Sônia Torres, “uma das características do mundo contemporâneo é o fato de ele ter produzido mais refugiados, emigrantes e exilados do que qualquer outra época da história” (Torres 2001:11). Pensando nisso, este trabalho objetiva percorrer as relações entre os exilados e a memória decorrente de acontecimentos históricos brutais, tais como guerras e ditaduras. Nesse sentido, empreenderemos uma reflexão a partir da cena “Dos exilios”, parte da obra teatral *Terror y miseria en el primer franquismo* de José Sanchis Sinisterra, e do conto “El regreso”, presente no livro *La cabeza del cordero*, de Francisco Ayala. Como ressalva, afirmamos que as obras dos dois autores nos permitem uma análise teórico-crítica mais pontual, isto é, sem a necessidade de nos determos no todo do livro, já que ambas são estruturadas a modo de histórias curtas e, todas as cenas ou contos que as compõem, embora esbocem uma trajetória de leitura no que concerne ao tema, funcionam estruturalmente independentes das demais.

Ambas as obras parecem encenar a postulação benjaminiana de que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo” (Benjamin 1996: 232). Pois bem, o lampejo que nos pareceu mais visível foi o estreito vínculo estabelecido pelos autores entre exílio e rememoração, que emerge envolto numa espécie de reivindicação da literatura como espaço de preservação de uma memória que foi deixada à margem da versão da história oficializada pelas vozes no poder. “Dos exilios” e “El regreso” operam, assim, como micro-histórias que buscam contrapor-se à narrativa que foi instituída como macro, dando voz aos que foram retirados de cena, aos que foram silenciados ao serem ‘ausentados’ do lar, tal como se assinalará mais adiante.

### 2. A memória exilada: posicionar-se

Paul Ricœur aponta que há nas operações da memória e da história algo similar,

já que “el historiador se propone ‘hacer historia’ como cada uno de nosotros intenta ‘hacer memoria’” (Ricœur 2000: 82). As duas noções se encontram extremamente imbricadas, são “dos operaciones indivisamente cognitivas y prácticas” (Ricœur 2000: 82). Pensar dessa forma não significa, porém, afirmar a primazia da memória sobre a história, ou vice-versa: trata-se de perceber e problematizar os usos e abusos da memória como dimensão matricial e constitutiva da história.

Nesse sentido, Ricœur reconhece um nível ético-político da *memória exercida* pelo sujeito, obrigada pelo ‘reto moral’ que reorienta a atitude rememorativa em busca da justiça histórica, estabelecendo um dever de memória. Essa obrigação, entretanto, pode resultar equívoca: “la intimación a recordar corre el riesgo de ser entendida como una invitación dirigida a la memoria cortocircuitar el trabajo de la historia” (Ricœur 2000: 118). E, não é propriamente disso que se trata no pensamento de Ricœur e nesse texto. Temos sim, o labor de questionar a memória e os contextos em que ela é requerida, usada ou abusada no que se refere ao exílio vivenciado após a Guerra Civil Espanhola e problematizado na literatura.

A urgência de se fazer um tratamento ético na rememoração está ainda mais evidenciada quando se trata de textos que buscam refletir sobre um passado que foi abafado por poderes que impuseram drásticas políticas de memória (ou de esquecimento), calando diversas vozes por meio da violência física e moral. A nosso ver, existe uma relação intrínseca entre a ética de uma memória que é exteriorizada e apontada como ‘oficial’ ou como ‘marginal’, isto é, tornada pública por essa ou aquela voz, e sua dimensão política. Segundo Edward Said (1996), tudo que está na ordem do público, estabelecendo uma relação entre sujeitos, se vincula, por sua vez, à política. Nesse sentido, os atos de escrever e publicar inserem o estudioso e o escritor no mundo público de tal forma que é impossível uma indissociação entre intelectual público e privado. Para Said, não se pode prescindir da idéia de que o mundo é político; nas mais mínimas instâncias, há governantes e governados. E, existe no ato de escrita, uma textura política da qual não se pode fugir, sem correr o risco de alienação. Além disso, é fato que nada é natural no mundo, tudo passa por filtros, todo discurso é mediatizado. Assim, a literatura, como fabulação do mundo, é a política se realizando em textualidade; de forma mais ou menos explícita, mais ou menos consciente.

Pode-se perceber uma postura parecida à reclamada por Ricœur e Said nas obras aqui referidas de Francisco Ayala e José Sanchis Sinisterra: ambas se utilizam do tema da memória do exilado para aportar estruturalmente no texto literário um modo de pensar que reconhecemos como imbuído de um dever ético-político – a saber, refletir sobre o passado, buscando lições válidas para o presente. Dessa forma, o passado não é trabalhado como arquivo morto a ser decodificado: a memória é percebida como fonte viva de história, que não pode ser negligenciada sob o risco de “determinar-se” uma versão muito *asséptica* (e escamoteadora) dos fatos.

Ademais, a memória exercida e movida pela busca da verdade deve ser uma releitura crítica do passado, ou seja, deve estar entremeada a um entendimento do ato de rememoração como ato político, inserido num imperativo ético. Ricœur afirma que “no se puede hacer abstracción de las condiciones históricas en las que es requerido el deber de memoria”, quer dizer, “algunos decenios después de los acontecimientos horribles de mediados del siglo XX” (Ricœur 2000: 117). Como por exemplo, as guerras e as ditaduras que assolaram continentes inteiros. Reivindicando a questão dos testemunhos

que pedem voz, essa memória obrigatória toca, então, na “región de los conflictos entre memoria individual, memoria colectiva, memoria histórica, en ese punto en que la memoria viva de los supervivientes se enfrenta a la mirada distanciada y crítica del historiador, por no hablar del juez” (Ricœur 2000: 117).

Nesse contexto, é interessante pensarmos nas relações entre escrita/lugar/identidade que aparecem nas obras de Ayala e de Sanchis Sinisterra sob o signo do exílio. Ayala coloca em ficção uma experiência que ele mesmo vivenciou – a condição de exilado. E, Sinisterra evoca o exílio exterior de seu tio e o interior de seu pai, na única cena teatral de sua peça que toca em um fato propriamente autobiográfico:

Un hermano de mi padre, republicano, miembro del gabinete de prensa de Azaña, se exilió a México en el año 39; así que ya desde mi adolescencia hay una relación arquetípica con esta figura del exiliado que es acogido por la sociedad mejicana con una generosidad tal, que le permite desarrollarse profesionalmente. (SINISTERRA citado por ARNOSI 2003: 56)

O exilado é o sujeito que se insere, por excelência, na problemática da identidade ligada ao lar-lembrança. Isso é demonstrado nas obras-*corpus* desse trabalho desde diferentes perspectivas: há o exílio externo (do que foi propriamente expatriado), o interno (do que se esconde no seu próprio país e do que se exila em si mesmo), a escrita *além-pátria* (no caso da obra ayaliana), a escrita *sobre* o exílio e, por fim, o regresso do exilado (sempre impossível segundo Said (2003), pois não se volta verdadeiramente para “casa”, já que essa nunca será a mesma da partida).

Em “Dos exilios” e “El regreso”, os traumas passados ressoam como ecos e se inscrevem no presente como potenciadores da atividade de reminiscência, estabelecendo estreitos vínculos entre história e literatura, memória e trauma: o exílio serve como âncora para descortinar todo um passado traumático velado e obliterado pela versão da história apregoada pelo regime franquista. Muitas vezes, o único *bem* que o exilado carregou de casa consigo foi a lembrança. A memória é apresentada, então, como a arma de defesa do exilado contra a prepotência de um poder que o expulsou de casa, enfim, um escudo contra o apagamento e a escamoteação da história por ele vivida.

Segundo Ricœur (2000), a memória é um processo sempre em revisão, isto é, uma operação que não cessa de processar-se. O autor usa o termo ‘memória exercida’ para matizar um caráter pragmático no âmbito da rememoração. Um nível dessa *memória exercida* é o patológico-terapêutico que corresponde a uma memória ‘impedida’ de exteriorizar-se devido a um forte trauma. Em uma análise baseada na psicanálise, seria uma memória traumática que necessitaria de um trabalho de rememoração, ou seja, um tratamento para aliviar lembranças feridas e doentes, buscando, então, a superação do luto. Quando esse luto é prolongado por um processo de repetição, que não provoca a reconciliação, e não há “per-laboração” do trauma, caminha-se para uma situação de melancolia, que impede a rememoração de forma ativa.

Nesse sentido, Ricœur indica à possibilidade de se atribuir a análise freudiana do luto aos traumas da identidade coletiva, já que a memória possui uma constituição dual,

com base na identidade pessoal e comunitária dos sujeitos. Como identidade e memória são indissociáveis, uma é parte constitutiva da outra, existem traumas identitários que podem estender-se à memória histórica de toda uma comunidade. Dessa forma, pode-se falar em traumas de memória coletiva gerados por uma desvinculação forçada e problemática, imposta pelo poder instituído, entre relato memorialístico e relato histórico. O que é feito através do silenciamento, da censura, do exílio. Nestes casos, percebe-se a presença de uma memória incômoda, “incluso enferma. Lo demuestran expresiones corrientes como traumatismo, herida, cicatrices, etcétera” (Ricœur 2000: 96).

Esse trauma identitário é visível no modo como as personagens de Ayala e de Sinisterra percorrem seus relatos: ambos se sentem molestos com suas lembranças e, ao mesmo tempo, percebem que o que antes chamavam pátria ou casa, agora representam palavras insólitas, vagas, imprecisas, já não existem como porto seguro. O exilado é apresentado como o sujeito que é, ao mesmo tempo, ausente e presente na casa que deixou, pois sua memória é evocada, diversas vezes, pelos familiares que ficaram. Porém, as lembranças deixadas pelos exilados nos que ficaram são terríveis: o expatriado se converte no símbolo da guerra que não se ganhou, da casa que foi invadida, da ditadura que foi instaurada, da família que se dividiu. Enfim, sua figura passa a simbolizar a desilusão e o fracasso: o exilado é uma parte da pátria que se desgarrou do todo; o que nos remete às relações intrínsecas entre história e violência, memória e identidade, expressão pública e privada do luto em relação aos desaparecidos, expatriados, executados.

Segundo Wander Melo Miranda, em constante deslocamento, “o exilado não tem um caminho prescrito ou seguro: há sempre que inventá-lo” (Miranda 2005: 5). É “o que está sempre ‘fora do lugar’, fadado ao ‘desassossego’ e ao exílio enquanto condição real e metafórica de sobrevivência” (Miranda 2005: 5). Nesse sentido, o exilado é diferenciado por Edward Said do imigrante: ele simplesmente não pode voltar. Ou seja, como os imigrantes, os exilados têm que conviver com a solidão, o medo, a nostalgia, com o fato de terem que se adaptar à língua e à cultura num terreno desconhecido e, muitas vezes, hostil. Porém, à diferença desses, o exilado simplesmente não tem escolha, não tem perspectivas de regresso: a pátria é, igualmente, um lugar instável, inseguro, que em algum momento da história expulsou-o de casa. De acordo com Said, “o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico” (Said 2003: 47), “é uma condição criada para negar a dignidade e a identidade das pessoas” (Said 2003: 48). Enfim, um deslocamento que não se realiza pelo desejo do sujeito e coloca-o sob o estigma de *banido do bando*; uma “viagem” forçada, sem direito à volta, a qual se poderia dar o atributo de *involuntária* ou *voluntária para salvar a própria vida* (o que, no fundo, é a mesma coisa).

Há, em certos casos, uma obsessiva necessidade de autopreservação por parte do exilado em relação ao entorno social, que pode atingir, por vezes, um nível patológico, “porque *nada* é seguro” (Said 2003: 51). Assim, para Said “o exílio é uma condição ciumenta” (Said 2003: 51), por mais que tenham êxito, os exilados “sentem sua diferença, como um tipo de orfandade” (Said 2003: 55). E, por isso, muitas vezes agarram-se à essa diferença e tentam bloquear o contato externo: insistem “no direito de se recusar a pertencer a outro lugar” (Said 2003: 55). No caso das personagens dessas histórias, o exílio é mostrado tanto da perspectiva daquele que se apega obsessivamente

às recordações da terra natal, como daquele que “finge” haver se naturalizado, *latino-americanizado*, mas é impelido, por uma força maior, à retornar quando sua condição de exilado é desfeita e já não corre mais risco. Porém, como veremos, a volta não é plena. Além disso, há a perspectiva do que se encontra sitiado em seu solo pátrio, exilado em si mesmo.

### 3. Dois exílios: exterior e interior

Em “Dos exílios” é possível visualizar um enredamento entre espaço e tempo que configura um contato trans-fronteiriço entre dois irmãos esquerdistas separados pelo exílio. O diálogo entre alguém que está cozinhando para receber o chefe do jornal em que trabalha no México, e o outro que está na Espanha, vasculhando no meio da noite o próprio escritório, procurando se desfazer dos materiais considerados falaciosos pelo regime franquista, se dá no mesmo palco, no mesmo espaço. É como se o teatro instaurasse uma espécie de *encenação de um sonho* (Pavis 2000: 222), nas palavras de Patrice Pavis, em que a distância do exílio não fosse suficiente para afastar uma família. Porém, ao final, somos acordados dessa atmosfera onírica: a instabilidade do exílio bate à porta das personagens, como se explicitará a seguir.

Vemos, assim, dois irmãos que optam por atitudes díspares frente à opressão militar, porém os une o fato de que *ambos* estão exilados, como o próprio título da cena nos deixa entrever. Há o que foi expatriado ao México, conseguindo abrigo político, sem chances de retornar. Esse, totalmente desiludido da política espanhola no que se refere a uma possível queda de Franco, segue escrevendo sobre ela nos jornais e teme uma retaliação por parte dos órgãos censores mexicanos, que proibiam que os exilados *se metessem* nos assuntos políticos. E há o que ficou em estado de exílio em seu próprio país, preso pelas circunstâncias e também pela opção pessoal de não abandonar Espanha nas *garras do lobo*, tendo que ocultar sua ideologia, exilado em si mesmo à espera de uma reviravolta republicana.

Ambos, porém, partilham de um sentimento em comum: o de não pertencimento, de não-lugar; estão permanentemente deslocados. Os dois se encontram numa situação de alto nervosismo. Sentem que o exílio não é um simplesmente um *entre-lugar*, enquanto *equidistância* entre dois espaços. É, antes, um fora de lugar. Jorge sofre para adaptar-se *além pátria* e tenta ser admitido na sociedade mexicana, sofrendo, apesar da solidariedade inicial de haver sido refugiado, preconceitos pela sua condição de comunista exilado: “En México o te aclimatas o te mueres” (Sinisterra 2003: 57), “¿Quién me mandaba a mí dárme las de aclimatado?” (Sinisterra 2003: 143). Ao mesmo tempo em que Jorge se envolve na urgência de acercar-se ao território estrangeiro (como por exemplo, tentar cozinhar um guacamole), ele estabelece um distanciamento em relação ao país que o abrigou, empreendendo um discurso híbrido, em meio às apropriações de ambos os lados – “Las patatas no son como las de allá. Espero que no se me deshagan...” (Sinisterra 2003: 149). Nas palavras de Ricardo Piglia, “la extradición supone una relación forzada con un país extranjero” (Piglia 1990: 59), encontro esse, vivido por Jorge, como uma mescla de gratidão e nostalgia, incômodo e medo.

Leandro vive, também, um dubio sentimento: está aterrorizado pela situação da Espanha, que não reconhece mais como lar: “exiliados en nuestro propio país”

(Sinisterra 2003: 149). Ao mesmo tempo, no entanto, se vê imerso na esperança de um auxílio internacional, na possibilidade de que os outros países saiam da neutralidade e comecem a interferir na política franquista, dando fim à longa ditadura: “Lo lógico, lo verdaderamente democrático y humano, hubiera sido que las potencias que han luchado por y para la democracia mundial... Ja... hubieran procedido con todo vigor contra Franco y su gente” (Sinisterra 2003: 147). O ar ambivalente de Leandro, entre esperançoso e desiludido, se justifica frente à necessidade de agarra-se a alguma *tábua de salvação* e, ao mesmo tempo, a constatação de que isso está cada vez mais longínquo e difícil.

Mesmo que faça parte da dramaturgia não só a criação do texto como também a *posta em cena*, em espetáculo, como momentos diferentes e, na maioria das vezes, separados, diversas vezes na peça de Sinisterra, o texto dramático se confunde com o texto espetacular, sendo injustificado isolar os dois numa análise. Sinisterra empreende, textualmente, através da linguagem altamente elaborada dos diálogos e das didascálias, uma encenação literária, fruto de um texto altamente imagético.

Somos remetidos a visualizar, através da leitura, um palco dividido com dois personagens comunicando-se de corpo presente *desde* continentes diferentes: a cozinha e o escritório lado a lado, a América e a Europa no mesmo ato-espacial. Não é um telefonema, uma carta ou uma conferência digital: ambos *estão* ali. O que torna isso possível, isto é, o que desencadeia os monólogos que culminam nesse diálogo, que poderíamos chamar *sem fronteiras*, é a memória: a partir do momento em que um se lembra do outro, podem comunicar-se e, isso é feito literalmente. Uma situação absurda, fantástica, que, em nenhum momento, denota ser tomada pelas personagens como algo ‘anormal’. Nesse ponto, fica explicitado o diálogo literário trans-fronteiriço realizado por Sinisterra: a memória identitária é o elo entre o exilado e o seu lar/entes queridos. Segundo Arnosi, “(...) en esa obra se rompe la quinta pared y los dos hermanos se encuentran para comunicarse por primera vez de verdad, como si no existiera un público que los observara, como si estuvieran solos” (Aronsi 2003: 58).

A cena se interrompe bruscamente quando, não sabemos ao certo “quiénes”, batem nas portas da cozinha mexicana e do escritório espanhol, deixando-nos no ar o enigma e o mau agouro em relação à visita de ambos: na Espanha, serão os militares? Os delatores? Aqueles aos quais “cualquier cosa les sirve, si se te quieren llevar...” (Sinisterra 2003: 146)? No México, será o chefe de redação do refugiado para cobrar-lhe contas sobre seus artigos comunistas? Será a polícia política? Pairam no ar várias indagações. A situação de insegurança do exilado é, dessa forma, explicitada e a cena aproxima-se das considerações de Said: “O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões (...)” (Said 2003: 58). E espaços familiares tornam-se perigosos com um simples bater nas portas: no exílio *nada* é seguro. Nem mesmo as memórias, já que podem ser impedidas de serem transmitidas seja pela censura, que extirpa os sujeitos, seja pelo trauma, que impossibilita o narrar.

#### 4. O exilado e a volta para casa: (im)possibilidades

No conto “El regreso” vemos um sujeito cético, que não crê ou finge não

acreditar mais em nada, porém, guarda como um tesouro suas recordações: “¿qué va a hacer uno tampoco, si no se reúne con los suyos a recordar la patria?” (Ayala 2006: 136). Seus sentimentos são um híbrido das “ganas de regresar” e do distanciamento do passado, pois, já não se identifica com as ideologias de sua juventude. Esse sujeito é um exilado que já pode voltar: “pasada estaba la época en que, por una denuncia anónima, por meras sospechas, por nada, para completar acaso la carga de un camión de presos, sacaban a uno de su cama y lo llevaban a fusilar contra las tapias del cementerio” (Ayala 2006: 135). Assim, ele decide cruzar novamente o oceano: “de mí sé decir que, después de tantos años suspirando por mi tierra y abominando de la que pisaba, me resolví, al fin, en un raptó, a regresar” (Ayala 2006: 140). O narrador sente-se totalmente frustrado por não poder borrar a memória e incorporar-se propriamente na cultura do *outro*. Na verdade, queria haver-se integrado à Argentina, mas ao sentir-se como um *hifen*, um *entre* instaurado num *não-locus*, vê-se, então, acometido por uma enorme angústia que é definida por ele como algo mais que nostalgia, um sentimento mais intenso a qual denomina de “morriña gallega” (Ayala 2006: 139), que representaria o selo identitário que o une à sua Galícia:

(...) como mis pasos, después, en América, habían sido silenciosos, y mi vida oscura; en fin, como dada mi insignificancia, ni mi muerte se hubiera notado ni se habría notado mayormente mi ausencia, entendí poderme arriesgarme, pues el riesgo era mínimo, y volver a mi tierra. Creo que también a costa de peligros mayores hubiera vuelto: yo no aguantaba lejos... Hay quienes se burlan de la morriña gallega; yo no lo sé, mas sospecho que toda persona bien nacida ha de sentir por su país ese algo que aprieta la garganta y trae lágrimas a los ojos con su memoria. (Ayala 2006: 139-140)

Quando, finalmente, regressa à sua pátria, começa a tecer comparações irônicas, muitas vezes simultâneas e inconscientes, sobre a vida dos que ficaram na Espanha, uma vez que sua visão não é mais a mesma, pois se sente “outro” também em sua própria terra: a guerra e a ditadura que o exilaram são irrevogáveis para ele, *indistanciáveis* do seu sentimento pátrio. O retorno é marcado pela impossibilidade: *sua* Espanha já não existe mais. É, agora, irreconhecível. Também em Santiago de Compostela, como anteriormente em Buenos Aires, sente que tem que adaptar-se ao novo. Mesmo podendo voltar, é como se seu exílio fosse contínuo, permanente: nunca estará reabilitado/re-habitado na terra natal.

Podemos vislumbrar nesse conto algo que, segundo Walter Benjamin (1995: 133), matiza que o exílio não é um estado, mas sim um modo mais bem particular de nos relacionar-mos com algo que já nos é radicalmente distante: a nação-casa conseguiu expurgar de tal forma o sujeito que nasceu em seu solo que acabou por lançá-lo a um não-lugar, numa cicatriz eterna experimentada pelo narrador ayaliano como uma total impossibilidade de esquecer o que era antes e adaptar-se ao novo. Além disso, de acordo com Stuart Hall, o exílio instaura para sempre uma sutura identitária e uma duplicidade espacial, sentimentos muito parecidos aos do narrador ayaliano, pois, ao final, o narrador-personagem também se encontra numa situação de dupla nostalgia que, nas palavras de Hall, ganha o seguinte contorno: “conheço intimamente os dois lugares, mas

não pertencem completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (Hall 2003: 415).

Eis as notícias que o narrador-personagem recebe ao chegar em Santiago de Compostela e que o remetem ao desconhecido do seu lar: Abeledo, seu companheiro ambíguo, mas inseparável, o denunciou ao exército franquista para matá-lo quando ele, por sua vez, estava lutando no lado republicano da guerra. Não encontrando o narrador-personagem em casa, Abeledo e alguns soldados franquistas atiraram sua tia idosa pela escada. Agora, com seu tio já falecido e a tia, mancando por uma perna, preocupada com o armazém que não consegue conduzir sozinha, a única coisa que o narrador faz na cidade galega é buscar Abeledo e os motivos para que ele tivesse agido como o fez. Esse *amigo traidor*, antes só vagamente lembrado, agora emerge, obsessivamente, nas suas lembranças. Fica no ar uma distância emocional e uma estranha frieza do narrador em relação à tia e em nenhum momento nos é explicitado o motivo. O desejo do narrador é apenas um: encontrar Abeledo para gritar-lhe à cara o porquê de ter sido delatado por alguém que considerava amigo, mas, uma dúvida o persegue: “¿Qué hubiera hecho yo?” (Ayala 2006: 146). A partir de então a figura de Abeledo será sempre associada pelo narrador aos seus traumas de guerra: além da carga do exílio, experimenta no pós-guerra a constatação de que essa amargou para sempre suas recordações mais ternas.

As condutas não estão julgadas de antemão (Hiriart 2006: 30): o narrador coloca em dúvida e revisa suas lembranças de forma incessante a fim de averiguar se havia alguma mágoa pessoal em Abeledo que lhe haveria passado despercebida. Ao encontrar María Jesús, irmã de Manuel Abeledo, em um prostíbulo, constata intuitivamente, que o amigo, um rapaz pobre desejando ascensão e ressentido pela recusa do narrador de casar-se com sua irmã, encontrou na carreira militar dos nacionais a tão almejada subida na escala social. Porém, no fundo, não sabemos se isso é realmente o motivo ou se essas elucubrações não foram causadas apenas pela obsessão do narrador por respostas.

Portanto, nem a volta, nem a busca por Abeledo (morto e enterrado como militar nacionalista) restabelecem a perda, o vazio interior do narrador-personagem: “al cabo de los años casi ni yo mismo entiendo aquellos sentimientos tan intensos y tan puros que un día llenaron mi pecho” (Ayala 2006: 145), ao lutar no lado *rojo* da guerra; “fue una especie de arrebato que hoy me extraña como si se lo viese sufrir a otra persona, a alguien un tanto disparatado en sus motivos, en sus reacciones y actitudes” (Ayala 2006: 145). Nada lhe foi restituído, o narrador-personagem está totalmente distanciado daquilo que lhe era conhecido: o seu “eu” passado, idealista, lutador, apaixonado, também lhe é estranho. Galícia e seus ideais juvenis tornam-se, para sempre, pretéritos. Nada mais são do que lembranças, às vezes esfumadas pela, agora, *incompreensível guerra* que quer esquecer.

O narrador, que sente uma mistura de fascínio e de repulsa pela Buenos Aires que lhe acolheu, decide, ao final do conto, regressar à Argentina, pois, “increíblemente”, “sólo el tiempo anterior a mi regreso” faziam, efetivamente, sentido. Agora, sentia-se nostálgico por “Buenos Aires, (...) mi casa, Mariana, sólo eso tenía consistencia para mí, mientras que Santiago de Compostela” (Ayala 2006: 182), já não era a mesma de antes, não era mais seu lar. O conto nos deixa em entreaberto a condição do narrador. Nunca será o que era antes de sair do seu país de origem, mas, ainda que tenha



cidadania e esposa argentina, jamais irá incorporar-se integralmente ao outro continente: será sempre um exilado em desassossego. Seu exílio não foi somente físico; separou-se, definitivamente, do que acreditava: tornou-se um homem seco, desiludido, sem amigos.

Ayala apresenta o exílio como uma experiência brutal, capaz de transformar um grande herói no maior dos céticos. A guerra civil e a ditadura representaram para esse sujeito um deslocamento total: surge um novo sujeito que, “produzido” pelo exílio, continua a experimentar o mundo através das circunstâncias do exílio, e do seu olhar de exilado, mesmo após muitos anos. A experiência de exilado transformou o narrador-personagem em alguém sem utopias, sem ideais, suas motivações são, no presente do relato, repentinas e egoístas, o que podemos entrever no labirinto mental ao qual submergimos nas suas reflexões sobre sua família e amigos e nas suas atitudes ao encontrar-se com María José, a quem conhece desde a infância, num prostíbulo: converteu-se, como o amigo traidor, em alguém insensível. Marcado pelo pessimismo, decide “volver la espalda” (Ayala 2006:184) ao passado e *exilar-se*, agora por opção, novamente em Buenos Aires. No final, tanto os que ficaram na Espanha, como os que foram, estão no ‘mesmo barco’ da desilusão pós-guerra e, estas parecem ser as perplexidades que assolam a narrativa de Ayala: o que a condição de exilado pode significar a um sujeito? O que as guerras e as ditaduras provocam nas relações humanas? Como exteriorizar as memórias que foram, de uma forma ou de outra, exiladas? Com essas indagações instigantes, suscitadas pela nossa leitura do conto ayaliano, caminhamos para a conclusão.

## 5. Considerações finais

A narrativa deve inaugurar entre narrador/ouvinte (escritor/leitor) um desassossego frente à história: omitir é igual a mentir, o imperativo ético se dirige à não-interdição e à possibilidade de análise reflexiva. Nesse sentido, uma voz reveladora, como uma memória declarativa que se exterioriza, não pode ser silenciada pelo medo, pela censura. Vê-se que o não-lugar dos contra-discursos produz, também, efeitos de exílio. A marginalização atua como uma forma de silenciamento semelhante à que ocorre no ato de expatriação. Cabe-nos, então, perguntar: o que fazer com as memórias? O que não fazer? É possível precaver-se do desequilíbrio entre lembrança excessiva e esquecimento total? Como transpor para linguagem a memória traumática do exilado (assim como a do torturado, do assassinado, do desaparecido, etc.)?

Um possível caminho de resposta é o de perceber que o dever de memória é completamente oposto a uma atitude comemorativa que coloca a memória ou a história mais oculta, sob o véu do “arquivamento”, do que como alvo de reflexão. A nosso ver, a escrita se reveste, nos textos literários aqui analisados, como uma tentativa de suturar algo que estará para sempre perdido na vida dos exilados, pois, a possibilidade de relatar é dada a esses sujeitos *sempre fronteiriços*, para quem a pátria-lar nunca será restituída.

Pode-se ressaltar, assim, através dos razoamentos empreendidos sobre a cena teatral de Sinisterra e o conto de Ayala, uma preocupação desses escritores com os contra-discursos (contra lugares? entre lugares? não lugares?) dissonantes, que inauguram uma reabilitação (no sentido de habilitar) das vozes marginalizadas pelo poder ou poderes: a preocupação em contar a versão da “história” do que foi exilado.

Não se trata, portanto, de inverter os discursos de “vencedor” e “vencido”, mas sim, de inserir uma abertura para que a memória, muitas vezes, não-escrita e/ou não-oficializada, tenha também presença. Em um compromisso com a comunidade, o indivíduo é testemunha de sua própria vida e da existência dos que o cercam: Ayala transpõe para o conto algo de sua vivência e Sinisterra encena sua memória familiar herdada.

Assim, no caso de Ayala e Sinisterra, a memória pode ser vista a partir da responsabilidade pelos próprios fatos, inclusive o de narrar: compartilham experiências na ficção, deixando o texto (ou o palco), como um lugar de ação política (por ser pública) e de abrigo de memórias – a escrita como lar (Said 2003: 58), de ideologias e, por isso, passível de escolhas éticas: são textos que não banalizam a dor dos outros e estão de acordo com a afirmativa de Said de que, mesmo sendo “terrível de experimentar”, o exílio “nos compele estranhamente a pensar sobre ele” (Said 2003: 46), pois é uma marca irrevogável, “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (Said 2003: 46).

Concluimos nosso texto com a constatação de Said de que o exílio, nos séculos XX-XXI, não aceita interpretações puramente estéticas ou humanistas, já que “a diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala” (Said 2003: 47), “nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa” (Said 2003: 47). Isso quer dizer que existe uma necessidade imperativa de se problematizar a carga romântica e fantasiosa que é atribuída, muitas vezes, à noção do exílio. Matiz esse que a literatura e a história contribuíram, em vários momentos, para difundir. Porém, de acordo com Said, “o verdadeiro exílio é uma condição de perda terminal” (Said 2003: 46). Nesse sentido, nossas reflexões caminharam de modo a mostrar que a memória do exilado referida em “Dos exílios” e “El regreso” é aquela que, segundo Said, não pode ser confundida com nada além da “dor mutiladora da separação” (Said 2003: 46), pois, a nosso ver, não há nessas obras uma espetacularização ou idealização da condição do exilado, mas sim, uma problematização dos sentimentos de insegurança e instabilidade provocados pelo desenraizamento forçado e pela expropriação do próprio lar, enfim, a impossibilidade de retorno, o total deslocamento do sujeito.

## 6. Referências bibliográficas

- ARNOSI, Milagros Sánchez. “Presentación”. In: SANCHIS SINISTERRA, José. *Terror y miseria en el primer franquismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, Letras Hispánicas, 2003, pp.9-69.
- AYALA, Francisco. *La cabeza del cordero*. Ed. e Introd. Rosario Hiriart. 5ª ed. Madrid: Cátedra, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. (Escritos escolhidos). Sel. e apres. Willi Boll. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Souza et al. São Paulo: Cultrix, 1995.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik. (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2003.
- HIRIART, Rosario. “El autor y su obra: introducción”. In: AYALA, Francisco. *La*

- cabeza del cordero*. 5ª ed. Madrid: Ediciones Cátedra, coleção Letras Hispânicas, 2004, p.10-34.
- MIRANDA, Wander Melo. “O que é, ou deveria ser, o intelectual”. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2 - Cultura. São Paulo, 27 mar. 2005.
- PAVIS, Patrice. *El análisis de los espectáculos*. Madrid: Paidós, 2000.
- PIGLIA, Ricardo. “Memoria y tradición”. In: *Anais do 2º Congresso ABRALIC*, Belo Horizonte: ABRALIC, 1990.
- RICŒUR, Paul. “La memoria ejercida: uso y abuso”. In: RICOUER, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Trad. Agustín Neira. Buenos Aires: FCE, 2000. pp. 81-123.
- SAID, Edward W. “Reflexões sobre o exílio”. In: *Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp.46-60.
- SAID, Edward W. *Representaciones del intelectual*. Buenos Aires/Barcelona: Paidós, 1996.
- SANCHIS SINISTERRA, José. *Terror y miseria en el primer franquismo*. Ed. e Introd. Milagros Sánchez Arnosi. Madrid: Cátedra, 2003.
- TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.